



ORIENTE MÉDIO

Após o primeiro dia de negociações no Egito entre representantes de Israel e do grupo islâmico, presidente dos EUA afirma que os extremistas estão “aceitando coisas muito importantes”. Apesar dos apelos, ataques à Faixa de Gaza continuaram

Trump confiante em avanços com o Hamas

Sob pressão de Washington, Israel e o grupo extremista Hamas iniciaram, ontem, as negociações indiretas no Egito para encerrar a guerra na Faixa de Gaza. Da Casa Branca, de onde acompanha a evolução das conversas, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, instou as delegações a agirem “rapidamente”. O líder norte-americano se mostrou otimista e ressaltou que o Hamas está cedendo em questões relevantes. “Tenho linhas vermelhas: se certas questões não forem cumpridas, o acordo não será feito”, afirmou Trump a jornalistas no Salão Oval, ao ser questionado se impôs condições — como o desarmamento do Hamas — para selar a paz. “Acho que estamos indo muito bem e que o Hamas está aceitando coisas muito importantes”, acrescentou. “Acho que vamos chegar a um acordo”, assinalou.

As negociações indiretas na cidade turística de Sharm el-Sheikh, no litoral do Egito, visam a finalizar os detalhes do plano de paz proposto por Donald Trump às vésperas do segundo aniversário do início do conflito, que eclodiu após o ataque sem precedentes do Hamas ao território israelense em 7 de outubro de 2023.

A Casa Branca informou que Trump mandou seu genro Jared Kushner e seu enviado para o Oriente Médio, Steve Witkoff, ao Egito.

Troca

Segundo a rede Al Qahera News, vinculada ao serviço de Inteligência egípcio, a pauta das delegações teve como primeiro item “preparar as condições prévias para a libertação de cativos e prisioneiros”. O movimento islamista e Israel responderam positivamente à proposta de Trump para a cessação dos combates e a libertação dos reféns israelenses mantidos em Gaza em troca de palestinos presos.

De acordo com o plano do líder americano, em troca dos 47 mantidos em cativeiro pelo Hamas — 25 estariam mortos —, o governo israelense deve soltar 250 prisioneiros palestinos condenados à prisão perpétua e mais de 1.700 detidos da Faixa de Gaza capturados durante a guerra.

Mirjana Spoljaric, presidente do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (CICV), que coordenou trocas anteriores, disse, ontem, que suas equipes estão preparadas para atuar. Os principais pontos em aberto da proposta de Trump são o desarmamento do Hamas, sua saída do governo de Gaza e a retirada das forças israelenses deste território palestino. O movimento islâmico insiste em participar da futura gestão do enclave, embora o plano do presidente

AFP



Soldado do exército israelense caminha no memorial das vítimas dos ataques de 7 de outubro de 2023, em Reim, no sul do país

AFP



Crianças remexem caçamba em Khan Yunis, no sul da Faixa de Gaza

dos EUA determine que o grupo e outras facções “não terão nenhum papel na governança de Gaza”.

Khalil Al-Hayya, negociador-chefe do Hamas e alvo de um ataque israelense em Doha no mês passado, teve um encontro, ontem, no Cairo, com mediadores do Egito e do Catar, segundo um integrante de alto escalão do grupo extremista.

No domingo, Trump comemorou as

negociações “positivas com o Hamas” e aliados ao redor do mundo, incluindo países árabes e muçulmanos. “Disseram-me que a primeira fase deve ser concluída esta semana e peço a todos que ajam rápido”, escreveu em sua plataforma, Truth Social. O primeiro-ministro israelense, Benjamin Netanyahu, externou a esperança de que os reféns possam ser libertados “nos próximos dias”.

Bombardeios

Apesar disso, Netanyahu não atendeu totalmente aos apelos de Trump e do secretário de Estado americano, Marco Rubio, que instaram Israel a interromper os bombardeios a Gaza. Imagens da agência de notícias France Presse (AFP) mostraram, ontem, explosões no enclave, com colunas de fumaça no horizonte.

“Houve uma redução no número de bombardeios aéreos. Tanques e veículos militares recuaram um pouco, mas acho que se trata de uma manobra tática e não de uma retirada”, disse à AFP no domingo Muin Abu Rajab, 40 anos, morador de Gaza. Ainda assim, pelo menos 20 pessoas morreram no território palestino, 13 delas na Cidade de Gaza, segundo a Defesa Civil, um serviço de socorro que opera sob a autoridade do Hamas.

O ataque de dois anos atrás matou 1.219 pessoas em Israel, a maioria civis, segundo uma contagem da AFP baseada em dados oficiais. A ofensiva de retaliação israelense, iniciada em seguida, resultou na morte de ao menos 67.160 pessoas em Gaza, a maioria também civil, conforme dados do Ministério da Saúde do Hamas, considerados confiáveis pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Greta e 160 chegam à Grécia

A ativista sueca Greta Thunberg chegou à cidade de Atenas, na noite de ontem (horário local), com outros 160 cidadãos expulsos pelo governo de Benjamin Netanyahu por participarem de uma flotilha de ajuda a Gaza, considerada ilegal. Os ativistas viajaram na chamada esquadra Global Sumud, que tinha como objetivo romper o bloqueio israelense para entregar ajuda humanitária em Gaza, onde a Organização das Nações Unidas (ONU) declarou um estado de fome após dois anos de guerra.

No entanto, a flotilha, composta por 45 embarcações, foi interceptada por Israel em águas internacionais na última quarta-feira e mais de 400 pessoas foram detidas, segundo autoridades israelenses. Dessas, 171 foram expulsas de Israel, ontem, por via aérea e 161 chegaram a Atenas, entre elas, Greta Thunberg. As 10 restantes foram enviadas para a Eslováquia.

Os ativistas exibiram uma enorme bandeira palestina na área de desembarque do Aeroporto Internacional de Atenas e deram as boas-vindas aos expulsos, cantando “Liberdade para a Palestina!” e “Viva a flotilha!”.

A deputada francopalestina Rima Hassan também chegou à Grécia e afirmou que a polícia israelense a agrediu após detê-la. “Dois policiais me agrediram quando me colocaram na caminhonete”, contou à AFP.

Segundo o ministério grego das Relações Exteriores, o avião que aterrissou em Atenas levou 10 cidadãos do país e 134 de outras 15 nações europeias. Em Bratislava, chancelaria confirmou a chegada de um eslovaco, bem como de outras nove pessoas dos Países Baixos, Canadá e Estados Unidos.

Lara Souza, mulher do ativista brasileiro Thiago Ávila, declarou, em entrevista ao jornal *Al Jazeera*, que o marido foi preso em águas internacionais depois que a flotilha foi interceptada por forças israelenses e transferido para uma prisão entre Gaza e o Egito.

A flotilha Global Sumud partiu de Barcelona no início de setembro e foi abordada pela Marinha israelense nos primeiros dias deste mês. Israel afirma que os barcos violaram uma zona de exclusão e disse que havia encontrado pouca ajuda humanitária nas embarcações. Cerca de 138 ativistas permanecem detidos no país.

FRANÇA

Renúncia de premiê agrava a crise no país

A crise de governabilidade na França ganhou, ontem, um novo agravante com a renúncia de Sébastien Lecornu, apenas 27 dias após assumir o cargo de primeiro-ministro. O político de centro-direita apresentou sua demissão ao presidente Emmanuel Macron 14 horas depois de designar seu gabinete. O anúncio do novo governo gerou tensões com seus parceiros no partido conservador Os Republicanos (LR) e também foi rejeitado pela oposição, culminando com a decisão de Lecornu, o terceiro premiê só este ano. Desde 2024, foram cinco os ocupantes do cargo.

Entre pedidos por novas eleições e de sua saída do comando do país, Macron aceitou a renúncia, mas, horas depois, encarregou o próprio Sébastien Lecornu de conduzir as “negociações finais” até amanhã em busca da “estabilidade do país”. “Não havia condições”, disse o demissionário ao explicar à imprensa sua decisão.

A saída de Lecornu intensifica a profunda crise política na França desde as eleições legislativas de 2024, que deixaram uma Assembleia Nacional (Câmara Baixa)

sem maiorias e dividida em três grandes blocos: esquerda, centro-direita no poder e extrema-direita. Macron convocou inesperadamente as eleições, sem consultar seus aliados, na mesma noite da vitória da extrema-direita nas eleições para o Parlamento Europeu na França.

Antecessores

Apesar de a coalizão de esquerda Nova Frente Popular (NFP) ter vencido a disputa, Macron nomeou primeiros-ministros de sua aliança centrista e do partido conservador Os Republicanos (LR, na sigla em francês), seus parceiros de governo desde setembro do ano passado.

O conservador Michel Barnier e o centrista François Bayrou caíram no Parlamento ao tentar aprovar seus orçamentos. Sébastien Lecornu renunciou antes mesmo da investida. Ao assumir o cargo em 9 de setembro, ele tinha a complexa missão de definir um orçamento para 2026 sem maioria e em um contexto pré-eleitoral — a França elege seus prefeitos em março e

AFP



Sébastien Lecornu pouco antes de anunciar demissão: menos de um mês no cargo

um novo presidente em 2027.

O estopim para a renúncia, segundo analistas, foi a manutenção da maioria dos ministros em seu governo, além do retorno de Bruno Le Maire, ex-ministro das Finanças entre 2017 e 2024, desta vez à frente da pasta de Defesa.

Essa nomeação, em particular, gerou

mal-estar no partido conservador Os Republicanos, que imediatamente convocou uma reunião extraordinária. A razão apresentada é que o presidente do LR e também ministro do Interior, Bruno Retailleau, não havia sido informado do retorno de Le Maire, do partido de Macron, a quem muitos responsabilizam pelo elevado nível

da dívida pública (115,6% do PIB) do país.

Partido histórico da direita dos ex-presidentes Jacques Chirac e Nicolas Sarkozy, o LR pressionou Lecornu até o último minuto para que incluísse em seu programa de governo o combate à imigração irregular, entre outras medidas.

Também era incerto se Lecornu conseguiria superar uma moção de censura no Parlamento. Seus primeiros anúncios não convenceram completamente as oposições que já haviam derrubado dois de seus antecessores e ameaçavam com a censura.

Destituição

“Emmanuel Macron é o responsável pelo caos político”, afirmou o líder de esquerda Jean-Luc Mélenchon. Seu partido apresentou uma moção ao Parlamento para destituir o presidente, cujo mandato termina em dois anos.

Por sua vez, a líder de extrema-direita Marine Le Pen, cujo partido lidera as pesquisas, também responsabilizou Macron e pediu uma nova antecipação das legislativas. “Não há outra solução”, disse.

Cautelosos, analistas políticos não arriscaram um palpite sobre os próximos passos de Macron. “Nomear um tecnocrata? Convocar eleições antecipadas? (...) Que semana em Paris!”, escreveu no LinkedIn Mujtaba Rahman, do Eurasia Group.